

Os Dados Estão Lançados

Jean-Paul Sartre

Tradução:

Maria Luísa Vieira da Rosa

Título original:

LES JEUX SONT FAITS

O QUARTO DE EVA

As persianas semicerradas apenas deixam penetrar um ténue raio de luz no quarto.

Essa mesma luz descobre uma mão de mulher de dedos crispados que arranham uma manta de peles.

O oiro de uma aliança brilha iluminado pela luz. Depois, deslizando ao longo do braço, a luz descobre o rosto de Eva Charlier...

Olhos fechados, narinas arfando, parece sofrer, agita-se e geme.

Abre-se uma porta e um homem aparece e pára.

Elegantemente vestido, muito moreno, com bonitos olhos escuros, bigode à americana, parece ter cerca de trinta e cinco anos. É André Charlier.

Olha fixamente a mulher, mas não há no seu olhar senão uma atenção fria desprovida de ternura.

Entra, fecha a porta sem ruído, atravessa o quarto com passo felino, e aproxima-se de Eva que o não sentiu entrar.

Estendida na cama, tem sobre a camisa de noite, um roupão muito elegante.

Uma manta de peles cobre-lhe as pernas.

Por instantes, André Charlier olha a face de sua mulher onde transparece o sofrimento, depois debruça-se e chama ternamente:

— Eva... Eva...

Eva, de rosto crispado, não abre os olhos; tinha adormecido.

André endireita-se, volta a cabeça na direcção da mesa de cabeceira onde está um copo com água. Tira do bolso um frasco contagotas, aproxima-o do copo e, lentamente, deita-lhe algumas gotas.

Mas, como Eva mexe a cabeça, guarda bruscamente o frasco no bolso e observa com um olhar agudo e duro a sua mulher adormecida.

A SALA DOS CHARLIER

Na sala ao lado, uma rapariga encostada à janela toda aberta olha a rua.

Da rua sobe e aproxima-se o barulho cadenciado de tropa a marchar.

André Charlier entra na sala e fecha a porta, depois de fingir um ar preocupado.

Com o ruído da porta a fechar-se, a rapariga volta-se.

É bonita, jovem, talvez 17 anos, e, se bem que grave e crispado, o seu pequeno rosto continua ainda pueril.

Lá fora, sobre o ritmo das botas martelando o pavimento, estala um cântico de marcha rouco e cadenciado.

Com um gesto brusco a rapariga fecha a janela.

É visível que só a custo domina os nervos, e, voltando-se, é com um ar irritado que diz:

– Ainda não pararam de desfilar!

Sem parecer vê-la, André dá alguns passos e pára, um ar muito afectado, junto de um canapé.

A rapariga vem ter com ele, interroga-o ansiosamente com os olhos.

Ele endireita a cabeça, lança-lhe um olhar e com um trejeito fatalista:

– Está a dormir...

– Crê que ela pode curar-se?

– André não responde.

A rapariga, irritada, poisa um joelho em cima do canapé e sacode a manga de André.

Está à beira das lágrimas, de repente explode:

– Por favor, não me trate como uma criança. Responda-me.

André olha a sua jovem cunhada, acaricia-lhe levemente os cabelos, depois, com o tom mais fraternal e doloroso que pode ter, exclama:

– Vais precisar de toda a tua coragem, Lucette.

Lucette desata a chorar e encosta a cabeça na borda do canapé.

O seu desespero é sincero, profundo, mas muito pueril e muito egoísta; não passa de uma garota mimada.

André murmura docemente:

– Lucette...

Ela sacode a cabeça.

– Deixe-me... deixe-me... Não quero ter coragem; é muito injusto tudo isto! Que será de mim sem ela?...

Sem deixar de lhe acariciar o cabelo, depois o ombro, André insiste.

– Lucette! Acalme-se... peço-lhe...

Ela volta-se, deixa-se cair no canapé, mãos na cabeça, os cotovelos nos joelhos, e a gemer exclama:

– Não posso mais com isto! Não posso mais com isto!

André contorna o canapé e, como não está a ser observado, retoma o seu ar duro e espia a rapariga que continua:

– Um dia, espera-se no dia seguinte, já não nos resta qualquer esperança! É de endoidecer... Sabe o que ela representa para mim?

Volta-se bruscamente para André cujo rosto toma de súbito um ar compadecido.

– É muito mais que minha irmã, – André continua por entre lágrimas –, é também minha mãe e a minha melhor amiga. Você não pode compreender, ninguém me pode compreender.

André senta-se junto dela:

– Lucette diz com um ar de terna reprovação não se esqueça... é minha mulher.

Ela olha-o confusa e estende-lhe a mão.

– É verdade, André, desculpe-me, mas sabe que sem ela eu sentir-me-ei tão só...

– E eu, Lucette?

André abraça a rapariga. Ela deixa-se abraçar cheia de confiança e de pureza, pondo a cabeça no ombro de André, que retoma a conversa hipocritamente:

– Não quero que pense «eu estou só», enquanto eu estiver a seu lado. Não mais nos deixaremos e estou certo que é este o desejo de Eva. Nós viveremos juntos, Lucette.

Lucette, acalmada, fecha os olhos e choraminga infantilmente.

A RUA DOS CONSPIRADORES

Um destacamento da milícia do Regente encaminha-se para uma rua cheia de povo.

O rosto sob o achatado boné de pala curta, o tronco rígido debaixo da camisa escura atravessada pelo boldrié luzidio e a arma automática a tiracolo, os homens avançam com um pesado martelar de botas.

O canto marcial da tropa em marcha estala bruscamente. Há pessoas que se voltam, outras afastam-se do caminho e entram em casa.

Uma mulher que empurra um carrinho de bebê faz lentamente meia volta, sem dar nas vistas, e afasta-se por entre os transeuntes que se dispersam.

A tropa avança sempre, precedida de alguns metros por dois milicianos de capacete e metralhadora em punho. E à medida que a tropa avança a rua esvazia-se sem precipitação, mas numa clara manifestação de hostilidade. Um grupo de mulheres e homens parados à entrada dum mercearia dispersa com lentidão, como se obedecesse a uma ordem silenciosa.

Uns entram nas lojas outros nos portões. Mais longe, algumas donas de casa, agrupadas em volta dos carros dos vendedores ambulantes, dispersam-se, enquanto um miúdo com as mãos nas algibeiras atravessa a rua com uma lentidão exagerada, quase a tocar nas pernas dos milicianos...

Encostados junto da porta dum casa de aparência modesta dois homens jovens e robustos contemplam a passagem da tropa com um ar irônico. Têm ambos a mão direita na algibeira do casaco.

O QUARTO DOS CONSPIRADORES

Um quarto cheio de fumo, miseravelmente mobilado. De cada lado da janela, tomando cuidado para não serem vistos de fora, quatro homens observam a rua.

São Langlois, grande, ossudo, o rosto barbeado; Dixonne, magro e nervoso, com uma pequena barbicha; Poulain, óculos de metal e cabelos brancos, e Renaudel, um homem gordo, possante, vermelho e sorridente.

Aproximam-se do centro do quarto onde, sentado a uma mesa redonda sobre a qual há cinco copos e uma garrafa, está Pierre Dumaine que fuma tranqüilamente.

O rosto magro de Dixonne revela inquietação. Pergunta a Pedro:

– Viste?

Pedro, calmamente, agarra no copo, bebe e depois pergunta:

– O que é que vi?

Às suas palavras segue-se um breve silêncio. Poulain senta-se, Renaudel acende um cigarro. Dixonne lança um olhar para a janela.

– Tem sido assim toda a manhã. Temem qualquer coisa...

Pedro conserva a sua atitude tranqüila e firme. Poisa calmamente o copo dizendo:

– Talvez, mas com certeza que não do que lhes sucederá amanhã.

Hesitante, Poulain começa:

– Não valeria mais?...

Pedro volta-se bruscamente para ele e diz-lhe com um ar duro:

– O quê?

– Esperar...

E como Pedro esboça um movimento de irritação, Renaudel acrescenta precipitadamente:

– Três dias apenas, o tempo de os sossegar. Pedro volta-se para ele e pergunta-lhe num tom brusco:

– Tens os no sítio?

Renaudel sobressalta-se e fica ruborizado.

– Pedro! protesta ele.

– Uma revolta não se adia declara Pedro com força. Está tudo pronto. As armas foram distribuídas. Os rapazes estão desejosos de ir para o barulho... Se nós esperarmos, arriscamo-nos a nunca mais os podermos segurar.

Renaudel e Dixonne sentaram-se, em silêncio.

O olhar duro de Pedro poisa sucessivamente nos quatro rostos que lhe fazem face.

A sua voz seca interroga:

– Há alguém que não esteja de acordo?

E, como nenhuma objecção fosse feita, continua:

– Bom. Então é para amanhã às dez da manhã. Amanhã à noite dormiremos no quarto do Regente. E agora ouçam-me...

Os quatro rostos aproximam-se com um ar grave, tenso, enquanto Pedro estende sobre a mesa um papel que tirou da algibeira e continua:

– ...A revolta começará em seis pontos diferentes.

O QUARTO DE EVA

Eva continua estendida de pálpebras fechadas. Volta bruscamente a cabeça e abre os olhos espantados como se saísse dum pesadelo. De repente volta de novo a cabeça e grita:

– Lucette!

Eva recobra a consciência, mas sofre como se um fogo interior a queimasse.

Com esforço, endireita-se penosamente, afasta o cobertor e senta-se na borda da cama. Sente a cabeça à roda. Depois, estende a mão e agarra no copo de água que se encontra na mesa-de-cabeceira. Bebe dum trago, faz uma careta e com uma voz enfraquecida chama de novo:

– Lucette! Lucette!

A RUA DOS CONSPIRADORES

Um jovem de cerca de dezoito anos, pálido, nervoso, com um ar dissimulado, chama:

– Pedro!

Este último vem a sair da casa modesta onde acaba de se realizar a reunião dos conspiradores. Ao ouvir o seu nome, Pedro olha na direcção da voz e, depois de ver donde ela vem, volta a cabeça, dirigindo-se aos dois vigias que estão de sentinela diante da porta:

– Os outros vão já descer, vocês podem ir-se embora. Reunião aqui às seis da tarde. Nada de novo?

– Absolutamente nada responde um dos patuscos. Só há este espiãozinho que queria entrar.

Com um movimento da cabeça aponta o jovem que do outro lado da rua os observa de pé, junto da bicicleta.

Pedro olha rapidamente na direcção dele e encolhe os ombros:

– Luciano! Ora!

Os três homens separam-se rapidamente. Enquanto os dois guarda-costas se afastam, Pedro aproxima-se da bicicleta, que está amarrada, e inclina-se para desfazer o nó. Durante este tempo, Luciano atravessa a rua, alcança-o e chama-o:

– Pedro...

Este nem sequer se volta. Tira o cordão e ata-o ao selim.

– Pedro! – suplica o outro – ouve-me! – Ao mesmo tempo contorna a bicicleta e aproxima-se de Pedro. Este último endireita-se e olha Luciano com desprezo sem lhe dizer palavra.

– Não tive culpa queixa-se Luciano. Com um pequeno trejeito da mão, Pedro afasta-o e leva a bicicleta pela mão. Luciano segue-o balbuciando:

– Tranqüilamente, Pedro desce a rua e monta na bicicleta. Luciano coloca-se diante dele e põe uma mão no guidador. Na sua cara há um misto de raiva e de medo. Exalta-se:

– Vocês são demasiado duros! Eu tenho só 18 anos... Se me abandonarem, pensarei a vida inteira que sou um traidor. Pedro! Eles propuseram-me que trabalhasse para eles...

Desta vez Pedro olha-o bem nos olhos. Luciano fica febril, agarra-se ao guidador e quase grita:

– Mas diz alguma coisa! É muito cómodo para ti, porque não passaste pelo que eu passei. Não tens o direito. Não te vais embora sem me ter respondido... não te vais embora!

Então Pedro, com um profundo desprezo, atira-lhe entre dentes:

– Meu reles maricas!

E, continuando a fitá-lo nos olhos, esbofe-teia-o com toda a força.

Luciano recua, sufocado, enquanto Pedro, sem pressas, se apóia nos pedais e afasta-se. Ecoam risos, de satisfação: Renaudel, Poulain, Dixonne e Langlois que acabam de sair do prédio assistiram à cena.

Luciano deita-lhes um breve olhar, fica um momento imóvel, depois vai-se lentamente. Nos seus olhos há lágrimas de raiva e de vergonha.

O QUARTO DE EVA E A SALA

A mão de Eva repousa junto do copo vazio na mesa de cabeceira. Eva endireita-se com um esforço terrível, e estremece cheia duma dor brusca.

Depois, cambaleando, consegue alcançar a porta da sala, abre-a, e fica imóvel. Vê, no sofá da sala, Lucette que pousou a cabeça no ombro de André. Alguns segundos passaram antes de Lucette se aperceber da presença da irmã.

Eva chama com uma voz abafada:

– André...

Lucette afasta-se do cunhado e corre para Eva. André, não muito embaraçado, levanta-se e aproxima-se com um andar tranqüilo.

– Eva! repreende a rapariga tu não te deves levantar.

– Fica aqui, Lucette... Quero falar a sós com André.

Depois volta-se e entra no quarto.

André aproxima-se de Lucette, embaraçado, e convida-a com um gesto cheio de doçura a afastar-se, entrando por sua vez no quarto.

Vai ter com a mulher que está apoiada à mesa de cabeceira.

– André – diz ela respirando alto –, tu não tocarás na Lucette...

André dá dois passos, fingindo um ligeiro espanto.

Eva concentra todas as forças para falar.

– É inútil. Eu sei. Há meses que te vejo actuar... Tudo começou depois da minha doença... Tu não tocarás na Lucette.

Exprime-se com uma dificuldade cada vez maior; vacila, sob o olhar impassível de André.

– Casaste comigo pelo meu dinheiro e fizeste da minha vida um inferno... Nunca me queixei, mas não permitirei que toques na minha irmã...

André observa-a sempre impassível. Eva agüenta-se com esforço e continua com uma certa violência:

– Aproveitaste-te da minha doença, mas eu hei-de curar-me, hei-de curar-me, André, e defendê-la-ei contra ti.

Exausta, deixa-se escorregar na cama, descobrindo a mesa-de-cabeceira. Muito pálido, André fixa o copo vazio que está na mesa. O seu

rosto exprime uma espécie de alívio, enquanto se ouve ainda a voz de Eva cada vez mais fraca:

– Curar-me-ei e levá-la-ei para longe daqui... longe daqui...

UMA ESTRADA DOS ARREDORES

Meio encoberto por um tabique de madeira, Luciano espera. O rosto pálido, luzidio de suor, a boca com um ricto de maldade, ruminando raiva, espera. Tem a mão no bolso do casaco.

Lá em baixo, a cerca de 150 metros de distância, debruçado na bicicleta, aparece Pedro. Avança só, por esta estrada monótona e triste dos arredores, no meio de telheiros.

Ao longe, alguns homens trabalham empurrando pequenos vagões, outros esvaziando camionetas. Pedro continua a avançar, por entre as fábricas e as grandes chaminés que fumegam. Luciano, com o rosto cada vez mais crispado, olha inquieto à sua volta e esboça um gesto. Lentamente tira um revólver do bolso.

O QUARTO DE EVA

A voz de Eva ouve-se ainda, com um último alento de violência:

– Hei-de curar-me... André, hei-de curar-me para a salvar... Quero curar-me...

A sua mão desliza ao longo da mesa, quer agarrar-se, cai por fim, arrastando o copo e a garrafa de água.

Eva, que, sentindo-se cada vez mais fraca, tentou apoiar-se à mesa, cai no chão com um barulho de copos partidos...

Pálido mas impassível, André contempla o corpo de Eva estendido no chão.

A ESTRADA DOS ARREDORES

Estoiram dois tiros de revólver. Na estrada, Pedro cambaleia ainda durante alguns metros, e por fim cai na calçada.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

